



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Projeto Lusque Fusque: Borrando Limites Musicais e de Gênero
Autor	ISADORA NOCCHI MARTINS
Orientador	ISABEL PORTO NOGUEIRA

Projeto Lusque Fusque: Borrando Limites Musicais e de Gênero

Autora: Isadora Nocchi Martins/Orientadora: Isabel Nogueira/Instituição de Origem: UFRGS

Esse artigo trata de como o projeto “Lusque Fusque: Composição e Performance entre Canção e Música Experimental”, inserido no Grupo de Pesquisa em Estudos de Gênero, Corpo e Música, borra limites musicais e de gênero. Minha participação no grupo de pesquisa iniciou com o projeto “Imagens de mulheres intérpretes 1920-1960: um estudo sobre a representação de mulheres musicistas em fotografias do acervo do Conservatório de Música da UFPel”. Pretendíamos observar como essas mulheres se colocavam perante ao público, visto que essas fotografias eram realizadas previamente, para divulgação de concertos. Analisando-as, observamos alguns padrões, a predominância de alguns instrumentos, como voz e piano, e que essas mulheres eram, majoritariamente, apenas intérpretes.

A partir de leituras, como a de Lucy Green, sobre os diferentes perfis de mulheres no campo da música, algumas inquietações começaram a surgir. Por que, em algumas áreas musicais, uma separação tão forte entre compositor e intérprete? Por que a predominância de alguns instrumentos entre mulheres? Além disso, era vontade do grupo de pesquisa também realizar trabalhos práticos que dialogassem com nossas reflexões. Assim, Lusque Fusque surgiu como uma tentativa de borrar limites. Borrar limites entre compositor e intérprete, entre teoria e prática, entre diferentes áreas da música, entre os perfis comentados por Green.

Green, em seu livro “Música, Género y Educación” (2001), comenta que os diferentes perfis de mulheres no campo da música estão relacionados a um conceito imposto de feminilidade. As mulheres que cantam e ensinam seriam afirmadoras desse conceito, as instrumentistas parcialmente transgressoras dele, e as compositoras e improvisadoras mais transgressoras, por usarem tecnologia e fazerem um trabalho intelectualizado. Ela não comenta, entretanto, sobre mulheres que possam estar em mais de um desses perfis.

As mulheres participantes do projeto borram e ultrapassam os limites dos perfis comentados por Green, por serem tanto instrumentistas e/ou cantoras, compositoras, improvisadoras e por lidarem com tecnologia. Algumas músicas foram criadas a partir da sobreposição de várias improvisações, criando texturas. Outras, envolvem a improvisação em sua performance ao vivo, dialogando entre os diferentes instrumentos utilizados e as partes pré gravadas. Todas as músicas tem uma trilha disparada no computador nas ocasiões de performance. Nessas trilhas utilizamos diversos recursos, como sequências programadas (batidas, *loops*, linhas de baixo, fragmentos de melodia e texto) e patches modulares virtuais (geradores aleatórios, sequenciadores, sintetizadores, etc).

Utilizamos, além dessas tecnologias, outros procedimentos, destacados por Oliveira (2015), como: 1) amálgama de sonoridades, quando a voz deixa de ser solista para mesclar-se com a instrumentação; 2) a simultaneidade, quando o arranjo passa a ser um elemento formativo da canção; 3) máscara, quando a voz-timbre pode ser mais importante que a voz-palavra; 4) fluidez, a valorização da “fluidez do improvisado” em contraposição à “rigidez da forma”. Tudo isso se relaciona com o borramento de limites entre canção e música experimental, e a desconstrução do que é compreendido coletivamente como canção, um tipo de música em que a melodia da voz e a letra seriam o mais importante.

O Lusque Fusque estreou em 2015, e neste ano nos apresentamos na livraria Palavraria (POA, junho e setembro), nos congressos MusiMid (UNIP, SP, setembro) e Encun (Campinas, novembro) e na Mostra Indisciplinidades (UFRGS, outubro). Em 2016, nos apresentamos na festa Kino Beat (POA, março) e no OVO Festival Sonoro (POA, maio). Em 2015, também gravamos um CD, que será lançado digitalmente em festival na Itália. Atualmente, o projeto também se insere dentro das atividades do Grupo Medula, que envolve outros projetos de criação sonora, em parceria com o Grupo de Pesquisa em Criação Sonora, também da UFRGS.